

## **PARECER PSICOLÓGICO SOBRE O COMERCIAL BUBBALOO.**

Pode-se dizer que é natural da criança a curiosidade sobre as experiências que ocorrem no mundo adulto, notadamente a sexual. Mas, na mensagem em questão, nada há nela de natural uma vez que a construção do cenário onde três garotos usam de uma estratégia a fim de espionar uma garota despindo-se, partiu de pessoas adultas. Pelo teor da trama, a mensagem implica em forjar, nas crianças, a antecipação deste interesse. Da forma pronta como se apresenta, o comercial tende a instalar, arbitrariamente, na criança, a idéia de que suas atividades infantis devem abranger, necessariamente, a atividade sexual.

### **É abusivo sugerir à criança o tipo de curiosidade que ela deve ter.**

Inerente ao desenvolvimento humano, a curiosidade consiste fundamentalmente de espontaneidade, o que transforma o ato de **sugerir à criança o tipo de curiosidade que ela deve ter** numa interferência abusiva. Neste sentido, fica claro, também, o caráter invasivo desta publicidade ao desrespeitar o curso natural das descobertas e escolhas de cada criança, roubando-lhes a oportunidade irrecuperável de saber de que maneira ou em que momento seu interesse pela sexualidade teria se apresentado, de fato, em suas vidas.

### **A presença da mascote define o público alvo como sendo infantil.**

A presença de um personagem de desenho animado – a mascote do produto – define como público alvo do comercial, crianças pequenas ou, no máximo, pré-adolescentes, fase em que ainda predominam as criações lúdicas, implicando, concomitantemente, numa interferência negativa da mensagem sobre o período de latência (comentado a seguir) que ocorre entre a segunda infância e a adolescência.

### **Sobre o período de latência.**

A sexualidade, como é sabido, já está presente no ser humano desde sua tenra idade de forma **proporcional a cada fase de seu desenvolvimento** e sabe-se também que, providencialmente, a natureza infantil prevê que, por volta dos seis anos de idade, o interesse pela exploração sexual na criança entre num período de latência, voltando a manifestar-se na adolescência. Esta fase de latência que, pode-se afirmar, ocorre em boa hora, tem como função ocultar, da criança, um impulso que ela ainda não está apta a controlar devido à sua imaturidade física, mental e emocional, sendo também o período em que a criança canaliza a produção de energia para os assuntos relativos à socialização e à aprendizagem. Constitui-se, também, no tempo providencial para o alcance da maturidade genital e para a construção das barreiras psíquicas - os sentimentos de vergonha, repugnância e os conceitos morais que caracterizam o mundo civilizado - que irão ajudar a criança a conter, mais tarde, o instinto sexual quando necessário.

## **O que diz a teoria.**

Entre os inúmeros prejuízos para a criança no mencionado período de latência, Freud, precursor dos estudos sobre a sexualidade infantil enfatizou: "A experiência mostrou ainda que as influências externas à sedução são capazes de provocar interrupções do período de latência ou mesmo sua cessação, e que, neste sentido, o instinto sexual das crianças se revela na verdade perverso e polimorfo; parece, além do mais, **que qualquer atividade sexual prematura desta ordem diminui a educabilidade das crianças**". E sobre a importância da construção de barreiras psíquicas ao instinto sexual, também observou que "Tem-se das crianças civilizadas uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação e, sem dúvida, a educação tem muito a ver com ela". (*Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume VII (1901-1905), Editora Imago*)

## **Os riscos de "atropelar-se" os processos naturais do desenvolvimento infantil.**

A aquisição desta capacidade de contenção é facilitada pela educação que a criança recebe, ou deve receber, tanto em casa como na escola, a respeito dos valores que norteiam uma conduta social equilibrada e saudável. Portanto, **qualquer estímulo forjado ao interesse erótico, nesta fase, representa uma violência a estes processos preventivos de distúrbios da sexualidade**. O "atropelamento" destes processos naturais incorrem, portanto, para os riscos posteriores tais como a falta de limites na expressão dos instintos sexuais que podem acarretar sérios prejuízos ao ajustamento social da criança. Incapacidade para manter bons relacionamentos, baixa-estima, banalização dos valores, descaso com o afeto e desrespeito mútuo são alguns deles.

## **O respeito à fase de latência é essencial também à aprendizagem.**

Outro aspecto fundamental da fase de latência é que é nesta fase que a aprendizagem, assim como a possibilidade de alfabetização formal se viabilizam por possibilitar à criança a transferência (temporária) da energia ligada às questões sexuais (como a fase do auto-erotismo) para o desejo e o conseqüente prazer de aprender e de se socializar. (*Rinaldo Voltolini - Pensar é desejar. Revista Educação, p. 36 - 45, 01 ago. 2006*)

## **Desrespeito ao ritmo de desenvolvimento de cada criança.**

É fato que, a partir dos doze anos em média, a criança começa a deslocar parte de sua atenção das brincadeiras infantis para as questões que envolvem o despertar paulatino do interesse sexual. No entanto, além de, como já dito, o comercial ter como público alvo crianças ainda pequenas, cabe observar que as crianças que protagonizam a cena, atuando como modelos para as demais telespectadoras, tendem a equalizar nestas um padrão de comportamento a ser seguido. **Isto contraria o direito de toda criança a um desenvolvimento gradativo** que leve em conta o ritmo natural e próprio de cada uma na assimilação de novos valores e de suas mudanças biológicas.

### **Só uma infância vivida plenamente possibilita uma vida plenamente adulta.**

É natural da criança em formação uma certa dose de ansiedade em relação ao mundo adulto e ao seu desempenho nele, assim como deve ser natural dos pais e adultos que fazem parte das relações da criança assegurar-lhes que **a maturidade é algo que acontecerá naturalmente e tanto melhor o será quanto a criança puder aproveitar sua infância.** No comercial em questão, existem vários pontos a serem questionados como, por exemplo, de onde surgiu o interesse dos personagens - tanto dos garotos como da mascote - em ver uma jovem mais velha que eles desnudar-se, de sua curiosidade natural ou da indução dos adultos? Quem pode assegurar que um grupinho idêntico de garotos em seu cotidiano real teria, espontaneamente, como idéia de diversão, algo semelhante à sugerida no filme caso esta sugestão não lhes fosse feita?

### **Incitação ao voyeurismo e à invasão de privacidade.**

Cabe ressaltar, além disso, que a figura da mascote apresenta uma caracterização dúbia – misto de lobo e gato - revelando, por sua conduta de incitamento às crianças – e até pelo visual maduro que lhe conferem a gravata e os óculos escuros - ser um personagem mais velho do que elas. Além disso, o momento em que um dos garotos arrebatava de suas mãos o binóculo, evidencia que a mascote era o portador do equipamento com o qual observava, antes dos garotos, a garota desnudando-se, aparentando ser o mentor da espionagem numa atitude tipicamente voyeurista e invasiva da privacidade alheia.

### **O atributo do produto sugerido como estimulante sexual.**

A idéia de calor provocada pelo chiclete anunciado é, de acordo com a trama do filme, nitidamente associada à excitação sexual - hajam vista as reações dos garotos reproduzindo a expressão usual (e exibicionista) de adultos do sexo masculino sexualmente excitados. Sendo assim, torna-se descabido indicar um produto com este atributo para crianças, restando questionar, ainda, ser este efeito possível.

### **Uma manobra criativa endereçada ao inconsciente da criança.**

Com relação ainda à dubiedade do visual e da atuação da mascote, bem como à associação da sensação de calor provocada pelo produto com excitação sexual, ambos os eventos constituem-se como alguns dos tipos de artifício mais abusivos usados pela publicidade em relação à criança. Por não possuir, ainda, os recursos desenvolvidos para a percepção e julgamento deste tipo de manobra endereçada ao seu inconsciente, a criança é negativamente afetada pelo conteúdo da mensagem sem qualquer chance de elaboração, julgamento ou defesa.

Maria Helena Masquetti  
CRP. 36891/06